



# REVISTA

CULTURA, ESTÉTICA & LINGUAGENS

VOL. 06, Nº 2 - 2º SEMESTRE - 2021

ISSN 2448-1793

DOSSIÊ  
**ÁFRICA**  
E SUA DIÁSPORA:  
PENSAMENTOS E LINGUAGENS



# Apresentação

---

<https://doi.org/10.5281/zenodo.5784213>

A *Revista Nós* vem com a proposta de trazer, por meio de um Dossiê, a África e sua diáspora, traduzindo pensamentos e linguagens de nosso tempo. Trata-se de um convite ao leitor para percorrer as encruzilhadas da contemporaneidade em uma fase marcada pela descolonização do pensamento e pela urgência de refletirmos sobre o que estamos fazendo de nós mesmos, a partir da reflexão do que fizeram conosco, sobretudo da brutalidade colonial que sempre invalidou, bestializou e deslegitimou a produção e o pensamento preto. São escritas potentes que tentam cortar com a navalha e o punhal afiados esse saber de supremacia branca, euro-centrado e autorizado que sempre se impôs em nossos corpos-territórios e sempre compôs a feitura de nossos oris.

Trazer essas vozes é uma forma política de (re)existir a esse mundo tão cruel que sempre nos impossibilitou de contar a nossa história. Mundo esse que nulifica a existência preta e subalterna, uma vez que a marca central da colonialidade de poder e saber é a desumanização de nossos corpos, de nossos pensamentos e de nossas produções. Além do Dossiê propriamente dito, esta edição da *Revista Nós* é composta de Entrevista, Artigos outros e Resenhas. Somos presenteados também pela leveza poética de José D'Assunção Barros que abre e dá plasticidade às escritas, com as poesias "A fome" e "Pequenas coisas" e pela contundência pictórica de Dalton Paula.

O Dossiê "África e sua diáspora: pensamentos e linguagens" abre caminhos e nos re(ori)enta a partir da entrevista que o professor Alex Ratts concede ao historiador André Filgueira. Esse pensador-ativista traz a potência do ori e das mãos negras dessa pensadora Quilombola que incentiva-nos a contar a nossa própria história, sob o signo de Beatriz Nascimento. Aqui esse grande intelectual e poeta abre, mostra e assinala

caminhos necessários para que possamos despertar novas tonalidades afetivas-afro-diaspóricas. De modo geral, quando nascemos, quem vem primeiro é a cabeça (ori), não é à toa que esse ori-odara de Beatriz Nascimento abre esse Dossiê pelo fogo fátuo e sábio de Alex Ratts que acende e apaga na medida. Trata-se de uma inteligência milenar. Essa entrevista só adianta tudo o que falaremos. De certa forma, a entrevista mostra que Beatriz Nascimento já anunciava com lucidez e sabedoria o que hoje falamos.

O artigo de Simon Pierre Kantissan, intitulado “Descartes e Kagame: conhecimento através dos sentidos, ser e existir”, no qual o autor procura nos mostrar que ser e existir, diferente da ontologia cartesiana, não é a mesma coisa no pensamento batoruandesa, pois segundo o autor, os dois não são as mesmas coisas, pois se exprimem ontologicamente em formas diferentes.

No artigo “Corpo-navalha militante: em torno do preto gay jorge Laffond”, André Filgueira, com sua escrita navalha, traduz a masculinidade preta gay, sob o signo de Vera Verão, como corpo gay paradoxal, insurgente e multiforme. Ao ter as encruzilhadas como *locus* e categoria epistêmica, a leitura se impõe para capturar as representações positivas para além das personagens humorísticas de Vera Verão, tão cristalizadas no imaginário social. O autor busca entender as ambiguidades da *bixa* preta e força-nos a pensar politicamente o corpo insurgente na contemporaneidade.

Luiz Carlos Ferreira dos Santos, em “Breves comentários sobre o pensamento de Jean-Godefroy Bidima”, apresenta-nos um comentário sobre o pensamento do filósofo camaronês Jean-Godefroy Bidima à luz dos conceitos de travessia e palabre. Segundo o autor, o pensamento negro filosófico de Bidima mobiliza, a um só tempo, uma estética, uma política e uma epistemologia ao trazer o paradigma da travessia e desloca, com isso, a ideia única na produção do filosofar.

Vanilda Maria de Oliveira, em “Consciência feminista negra: das resistências interseccionais às resistências decoloniais”, aponta as críticas e contribuições atuais à luz da interseccionalidade, termo cunhado pela jurista estadunidense Kimberly Krenshaw, e propõe um olhar crítico acerca das feministas negras e seus múltiplos olhares pós coloniais. A autora tece um instigante comentário tendo como ponto de partida o feminismo negro-interseccional e mostra como o pensamento das mulheres afro-

americanas nos ajudam ao (re)contar e (re)interpretar a sociedade contemporânea e repensar as múltiplas opressões sociais.

Andreia Costa Souza traz o artigo “Mulher negra e colonialidade no ensino de História: construindo uma metodologia para subverter saberes e práticas”, fruto das principais intervenções de saberes e práticas. Neste artigo, a autora se dedica, a partir do ensino de História, a articular mulher negra, racismo e descolonização. Andreia Souza mostra como a sua formação foi fundamental e enriquecedora para a sua atuação como docente na medida em que permitiu descolonizar suas próprias práticas e identificar os entraves em seu próprio ofício.

A partir de histórias negras goianas, Euzébio de Carvalho, em seu texto “Temporalidades negras: memória testamental da igreja dos pretos da cidade de Goiás”, aborda a Irmandade de Nossa Senhora dos Pretos, tendo o século XIX como recorte temporal. Segundo Carvalho, a Irmandade dos Pretos possibilita questionar os usuais clichês sobre a escravização e, ao mesmo tempo, possibilita a escritura de uma história atlântica, brasileira e goiana, na qual os homens e as mulheres negras são vistas como protagonistas de suas experiências e não apenas objetos da violência escravagista.

Paulo Petronilio, com seu texto “‘Cumé que a gente fica’: por uma descolonização da linguagem e da estética”, traz uma breve reflexão sobre a decolonialidade partindo do feminismo negro, seguindo a tradição de Lélia Gonzales. Ao ter a linguagem e a estética como fios condutores, o autor faz críticas a colonialidade do poder e do saber ao qual sempre fomos submetidos e aponta a encruzilhada como forma de subverter essa lógica perversa a partir da tentativa de se colocar como sujeito na pesquisa e descolonizar o eu.

Pedro Toschi e Maxwell Moreira Martins, no texto “A Sussa e a disputa kalunga: encantamento e problemática da reprodutibilidade da arte”, apresentam as manifestações artística e populares do povo Quilombola kalunga de Goiás. Com uma abordagem transparente, os autores evidenciam o viver Kalunga com suas respectivas manifestações artísticas, tendo como fio condutor a reprodutibilidade da arte e a aura, a disputa e a sussa, a manutenção de saberes e tradições, marcados sobretudo pela sabedoria popular, o encantamento, as curas e os benzimentos como potências da

cultura popular.

Eliene Nunes Macedo, em seu texto “Identidade a devir: relações afro-brasileiras na cidade patrimônio mundial”, apresenta o resultado de suas investigações no campo das Performances Culturais sobre Performances afro-brasileiras e patrimônios culturais, focalizando as práticas culturais populares, que acontecem atualmente na cidade de Goiás. Ao dar ênfase nas questões identitárias, Eleine Nunes faz um instigante movimento entre patrimônio imaterial, performances e identidade formando uma trança inseparável.

Já na seção Artigos outros, em “Ilustres sertanejos: famílias do Brasil Central na coroação de Dom Pedro II”, Thalles Murilo Vaz Costa explora parte das iconografias em torno dos cerimoniais de coroação realizados no país, partindo da análise dos quadros do comendador Antônio de Pádua Fleury e de sua esposa Augusta de Pádua Fleury, ambos pintados no século XIX, por Émile de Taunay. Com essa metodologia, o autor instiga-nos e força-nos a pensar o Império do Brasil e a Província de Goiás a partir dos documentos iconográficos.

Pepita de Souza Afiune, em seu artigo “Do roncar das montanhas ao éden perdido: imagens utópicas do Planalto Central Brasileiro”, propõe elencar as regiões de Paraúna (GO), Montalvânia (MG), Chapada dos Veadeiros (GO) e Serra do Roncador (MT), a partir da hipótese de que todas possuem algo em comum: uma natureza mistificada por muitos moradores e turistas. Desse modo, a autora sustenta que o aparente paradoxo entre natureza e modernidade se apresenta como debate necessário para compreendermos como o homem passa a se relacionar com a natureza no contexto político, social e cultural moderno.

Luan Frederico Paiva da Silva e Elias Nazareno, no texto “Colonialidade/decolonialidade a crítica literária Mariateguiana”, estabelecem um diálogo intercultural com José Carlos Mariategui, a partir da problemática de investigação modernidade/colonialidade/decolonialidade e interculturalidade. Tal texto faz parte dos resultados parciais da pesquisa desenvolvida pelos autores no Mestrado em História da Universidade Federal de Goiás, onde procuram contribuir para a visibilização dos povos originários, da América Latina, em particular, nos Andes.

Na seção Resenhas, Ádrivan Machado Henrique analisa o livro “Notas sobre o luto”, da feminista negra Chimamanda Adichie. Nesta resenha, o autor faz uma breve reflexão sobre a importância dessa pensadora negra não somente para o feminismo negro, mas para pensarmos as questões de nosso tempo. Ao se debruçar sobre esse romance, o autor mostra a importância (atribuída por Adichie) de experimentarmos imensamente a morte e a dor da perda, pois o livro em questão trata-se de um autorrelato em que a autora descreve as sensações e emoções sentidas com a morte do próprio pai.

Já Camila Alonso Lobo Rosa nos oferece uma resenha sobre o livro “Vidas oleiras: uma viagem pela traição e arte”. A autora enfatiza os saberes e os fazeres dos povos tradicionais oleiros, situados na Bacia Hidrográfica do Rio Paranaíba, entre os Estados de Goiás e Minas Gerais. Segundo Camila Rosa, o livro resenhado trata-se de uma obra relevante, na medida em que, ao apresentar as vidas dos povos oleiros e suas relações com o território, resgata a cultura de um povo.

Na seção Processos de Criação, os autores Fernanda Farias do Santos e Elenízia da Mata de Jesus, Manoela dos Anjos Afonso Rodrigues, Nayara Carneiro Caetano Rocha Lima, Ramiro Machado de Araújo Júnior, Renato Naves Prado e Rodrigo Alves Barbosa, em “Feira do Quilombo Alto Santana: processos de criação em comunidade como forma de vida e empoderamento”, trazem o charme negro-diaspórico. Além disso, apresentam reflexões fundamentais acerca das potentes imagens no processo de criação da Feira do Quilombo Alto Santana, inaugurada em Novembro de 2021, em Goiás. Ao trazerem a feira e o artesanato, os autores arrastam-nos para o universo do Quilombo, a produção das pessoas pretas e a valorização dos processos socioculturais e da identidade quilombola.

Esta edição da *Revista Nós* conta ainda com a generosa e iluminadora contribuição do artista plástico Dalton Paula (a quem agradecemos infinitamente), que com uma verve soberba e mordaz traduz em imagens todas as palavras contidas neste e em todos os Dossiês do mundo, nos quais os sujeitos negros estiverem reivindicando os lugares (quaisquer que sejam) que são seus por direito e reiterando de forma inequívoca e indelével o protagonismo que sempre tiveram, a despeito do colonialismo obliterador.

Neste contexto polifônico propiciado pela *Revista Nós*, o Dossiê “África e sua diáspora: pensamentos e linguagens, ao abrir caminhos para outros espaços de enunciação, pactua com a descolonização ao tensionar as gramáticas da modernidade europeia. Com isso, o Dossiê aponta e assinala rastros e consistentes efeitos da colonialidade do poder, nos mostrando com isso outras possibilidades do saber/fazer, amplificando as vozes e humanizando os sujeitos.

Assim, o Dossiê é uma tessitura de Nós, sobre “Nós”, envolvendo vidas e arremates, em que a cultura, a linguagem e a estética formam uma dança inseparável pavimentando aí uma política de múltiplas éticas da existência preta. Por isso, trata-se de uma encruzilhada de vidas encarnadas que tentam cortar com a gilete, toda forma de opressão e toda forma de aprisionar a vida, como propõe o historiador preto-gay André Filgueira, ao falar de corpo e língua afiada com seus atravessamentos cortantes. Este Dossiê é, em síntese, uma forma de libertar a vida lá onde ela sempre foi prisioneira: das amarras da colonização, pois eurocentrismo e colonialidade são duas faces da mesma moeda. Portanto, duas chaves da mesma prisão e da mesma opressão.

Paulo Petronilio Correia



**DOSSIÊ**  
**ÁFRICA**  
**E SUA DIÁSPORA:**  
**PENSAMENTOS E LINGUAGENS**



Ambrosina | Óleo e folha de ouro sobre tela | 61 x 45 cm | 2020 | Foto: Joerg Lohse

Artista: Dalton Paula